**CONCURSO PÚBLICO NACIONAL DE PROJETO DE ARQUITETURA**

**PARA HABITAÇÃO QUILOMBOLA DE INTERESSE SOCIAL N° 01/2021**

**NOTA TÉCNICA**

O Conselho De Arquitetura e Urbanismo de Goiás - CAU/GO cumprindo os objetivos dispostos na Lei 12.378/2010 apresenta esta NOTA TÉCNICA com o intuito de acrescentar informações ao Projeto Básico do CONCURSO PÚBLICO NACIONAL DE PROJETO DE ARQUITETURA PARA HABITAÇÃO QUILOMBOLA DE INTERESSE SOCIAL, estabelecido em parceria com a Agência Goiana de Habitação - AGEHAB, através do Termo de Cooperação Técnica nº 01/2021.

O objeto do concurso prevê projeto que respeite a cultura local e que promovam soluções inovadoras para esse grupo especial que são os Kalunga. Esses povos vivem em comunidades chamadas Quilombos.

Quilombos são comunidades organizadas formadas por escravos fugitivos de seus cativeiros em senzalas ou abandonados por donos de terra que os escravizavam. As comunidades quilombolas são lugares de resistência e que garantiram a sobrevivência de populações de negros que não se fixaram nas periferias das cidades, quando da publicação da Lei Áurea em 1888 no Brasil. Estão localizadas, portanto, na zona rural do território brasileiro há cinco séculos, o que fez com que suas especificidades culturais pudessem ser preservadas.

As primeiras comunidades quilombolas eram localizadas em áreas de difícil acesso, usando os acidentes geográficos naturais como formações rochosas íngremes, rios instransponíveis além de matas fechadas para evitar sua captura e, no caso de serem encontrados pelos caçadores, permitirem a fuga de toda comunidade para uma nova localidade. Com o tempo (principalmente com a abolição da escravatura em lei) os quilombos se fixaram em territórios próximos a vilas e arraiais, ou mesmo próximo de grandes propriedades rurais, havendo registro de compra das terras ocupadas.

Mais recentemente a Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 68, reconheceu o direito de propriedade dos quilombolas garantindo a posse das terras onde se encontram remanescentes destes no território nacional. Os Estados brasileiros com maior numero de remanescentes de quilombos são Bahia, Maranhão, Pará e Minas Gerais (Barreto, 2006). Em Goiás, o garimpo de ouro (no séc. XVI) foi o indutor da locação dos primeiros quilombos, hoje delimitados entre os municípios de Teresina de Goiás, Monte Alegre e Cavalcante, a nordeste do Estado e próximo à divisa com o Estado da Bahia.

... o IBGE calcula que o país possua 5.972 localidades quilombolas, que estão divididas em 1.672 municípios brasileiros, mais que o dobro com localidades indígenas (827). (...) Do total de localidades, 404 são territórios oficialmente reconhecidos, 2.308 são denominados agrupamentos quilombolas e o restante, 3.260, identificados como outras localidades quilombolas. Entre os agrupamentos, 709 estão localizados dentro dos territórios quilombolas oficialmente delimitados e 1.599 fora dessas terras. (IBGE, 2012)

Para entender como se organizam espacialmente, sabe-se que um aglomerado de habitações é conhecido por *mocambos* e um quilombo é formado por uma série de mocambos. Um quilombo pode contem até 50 grupos de habitações (mocambos).

Esse modelo de organização é fruto da necessidade de proteção do grupo e elemento importante de identificação étnica. Uma característica de implantação das unidades residenciais em comunidades quilombola é o fato das habitações serem locadas distantes umas das outras (até 500 metros) e com a porta principal voltada para a estrada (ou trilha) de acesso. O isolamento das unidades (e do grupo), de acordo com historiadores, é o que propicia a manutenção das tradições e costumes desses povos com linguajar, culinárias, festas e rituais religiosos próprios (BAIOCCHI, 1999).

As habitações quilombolas,

...foram construídas e, sua grande maioria com madeiras roliças trançadas e preenchidas com barro cru: a taipa de sopapo para as paredes internas e externas; e a palha para a cobertura. O piso era de chão batido. Os materiais usados nas construções das residências eram extraídos do local onde as habitações eram implantadas, variando assim de região para região. O tijolo de adobe também foi largamente utilizado, mais tarde em formas de tamanhos variados para a construção de paredes. Esquadrias de madeira de pequenas dimensões nas portas e janelas, também eram utilizadas, usando-se as madeiras locais. (BARRETO, 2006 pag. 34).

Outra característica da cultura dos quilombolas se refere ao modelo de relações sociais comunais serem muito forte (grande senso de comunidade). Pode perceber isso na organização espacial da locação das habitações no terreno. Encontram-se ambientes como a *casa do agregado, casa de farinha, curral e roça* (quintal), distribuídos de tal maneira que a casa do pai e da mãe é identificada como principal e por vezes, está no centro da locação do conjunto. Pesquisa elaborada por Pereira (2011) indica o quintal das casas como espaço dos saberes: “É nele que a mulher, sobretudo, reproduz seus conhecimentos com as plantas, seja plantas medicinais ou alimentos” (PEREIRA, 2011 p 53). O autor destaca que:

Os quintais Kalunga geralmente se encontram atrás das casas, onde as plantas podem ser observadas de forma quase sempre semelhantes. As plantas como milho, cana e mandioca são dispostas ao fundo e as plantas menores mais próximas da casa. Quando há hortas, estão no centro ou de um dos lados. Quanto a irrigação, é feita com água do rio, trazidas em latas ou bombeadas (PEREIRA, 2011 p.54).

 

Fig. 1 – Imagens de residência e quintal de casa Kalunga (PEREIRA, 2011).

Autoria: Bruno Magnum Pereira, 2010.

A fonte de renda dos quilombolas é sustentada pela venda/produção de produtos artesanais, dinheiro recebido por trabalho no campo e aposentadoria, sendo que a renda média mensal por habitação é inferior ao salário mínimo atual (Barreto, 2006). Os quilombolas praticam o cultivo agrícola de subsistência, sendo a mandioca, o arroz, a abóbora e o milho os principais cultivos e possuem também criação de gado, cabra, porcos e galinhas. Com isso reforça-se a estreita relação desses povos com a natureza e a dependência de fatores climáticos e geográficos (hidrografia principalmente) para sua sobrevivência.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE possui publicações sobre informações cadastrais localização dos povos indígenas e quilombolas reunidos em volume único - <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/tipologias-do-territorio/27480-base-de-informacoes-sobre-os-povos-indigenas-e-quilombolas>, assim como a Universidade Federal de Goiás possui em sua biblioteca virtual diversos volumes com pesquisa sobre a cultura Quilombola - <https://www.bc.ufg.br>.

**Maria Ester de Souza**

**Coordenadora**

**Assessoria de Relações Institucionais CAU/GO**

**(62) 9 8258-0907**

[**projetos@caugo.gov.br**](mailto:projetos@caugo.gov.br)

Referências:

Almeida, Maria Geralda (org.). **O Território e a Comunidade Kalunga, quilombolas em diversos olhares**. Goiânia: GRAFICA UFG, 2015.

Baiocchi, Mari de Nazaré. *Kalunga, povo da terra*. Brasília, Ministério da Justiça, 1999.

Barreto, Jônatas N. *Implantação de Infra-estrutura Habitacional em Comunidades Tradicionais: o Caso da Comunidade Quilombola Kalunga*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília,Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Brasilia, 2006.

Pereira, Bruno M.; Almeida, Maria Geralda. *O Quintal Kalunga Como Lugar e Espaço de Saberes*. Geonordeste, Ano XXII, n2.